

DO OURO AO CAFÉ: PRIMEIROS CICLOS ECONÔMICOS RESPONSÁVEIS PELA OCUPAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ

BERLOFFA, Viviane de Oliveira (UEM)

LUCAS, Maria Angélica Olivo Francisco (Orientadora/UEM)

MACHADO, Maria Cristina Gomes (Co-orientadora/UEM)

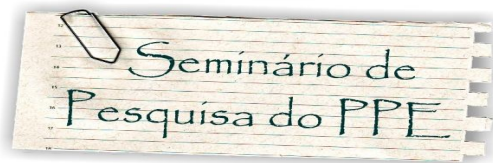
Introdução

O presente artigo faz parte de uma pesquisa sobre a história do Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal do município de Maringá. A ênfase destinada à temática está relacionada à compreensão dos primeiros ciclos econômicos que contribuíram para a ocupação do Paraná e para o desenvolvimento de várias cidades da região, entre elas, Maringá, local em que está inserido o objeto de nossa pesquisa.

Desse modo, pretendemos analisar neste artigo, alguns aspectos relacionados ao desenvolvimento econômico do Paraná, visto que estes foram primordiais para o povoamento e para a economia do estado, e influenciaram a colonização do noroeste paranaense. Diante disso, conhecer esse momento histórico é condição indispensável para recuperar aspectos referentes ao processo de implantação do Colégio Gastão Vidigal.

Por sua vez, trata-se de um estudo de cunho bibliográfico, cujas fontes englobam as pesquisas desenvolvidas por Bettes Junior, Ordoñez e Sales (1996), Lazier (2003), Rollemberg (2010), Sschmidt e Filizola (1988), Wachowicz (1988), Trindade e Andrezza (2001), Luz (1997), Balhana, Machado e Westphalen (1969), Pacífico (2007) e Cancian (1981), as quais retratam os primeiros momentos da história do Paraná.

Nesse sentido, iremos discorrer, primeiramente, sobre o ciclo do ouro. Na sequência, abordaremos o ciclo das tropas, da erva-mate, da madeira e do café. Este último, responsável sobretudo pelo povoamento do Norte Novo, região em que está localizada a cidade de Maringá. Esta, em sua fase de colonização, recebeu um elevado contingente de pessoas motivadas, principalmente, pela fertilidade de suas terras, as



quais eram propícias ao cultivo do café, principal produto da época. Diante disso, o número de estudantes aumentou no município, o qual gerou a necessidade de construção de mais escolas, entre elas, a instituição de ensino a qual estamos investigando.

O início da ocupação e do desenvolvimento do Estado do Paraná

Conforme informações da Secretaria de Cultura do Paraná (2012), o processo de ocupação da região paranaense remonta há 9000 anos. Sobre esse aspecto, o referido órgão complementa que:

[...] as provas materiais dessa história são encontradas em todo o território paranaense nos vários sítios arqueológicos já pesquisados como: os sambaquis no litoral e as pinturas rupestres, nos Campos Gerais. Nesses locais encontramos vestígios materiais importantes que revelam como viviam os habitantes desta terra antes da vinda dos primeiros europeus para a América (PARANÁ, 2012b).

Desse modo, os europeus ao chegarem ao Paraná, no século XVI, encontraram várias tribos indígenas, como a nação Tupi, os Carijós, os Caiuás, entre outras. Os historiadores Bettles Junior, Ordoñez e Sales (1996, p.22), relatam que:

Os índios viviam da caça, da pesca e da coleta de alimentos. Algumas tribos praticavam uma agricultura simples, plantando principalmente milho, mandioca, abóbora e batata-doce. O trabalho agrícola era normalmente feito pelas mulheres. Algumas tribos desenvolviam um bonito trabalho de cerâmica e cestaria.

O contato entre os índios e os colonos portugueses e espanhóis não ocorreu de forma amigável. Os fatores desse desentendimento estão relacionados ao fato dos europeus terem a intenção de escravizá-los como mão-de-obra, e de vendê-los no mercado de escravos (LAZIER, 2003). Diante desse conflito, os indígenas se revoltaram e lutaram contra os ocidentais, mas acabaram sendo dizimados.

Os portugueses iniciaram sua ocupação pelo litoral de forma lenta, porém contínua. Já os espanhóis, adentraram pelo interior do Estado e se deslocaram em direção ao Paraguai, por serem pressionados pelas expedições portuguesas. No litoral, os colonizadores descobriram as primeiras minas de ouro. Porém, foi na região do

Primeiro Planalto¹ que a mineração parananense atingiu seu apogeu. Esta atividade econômica contou com a mão de obra do escravo negro (BETTES JUNIOR; ORDOÑEZ; SALES, 1996).

Os africanos foram trazidos à força ao Brasil pelos portugueses. Estes utilizavam a mão de obra escrava em diversas atividades. Sobre esse aspecto, Rollemberg (2010, p. 51) nos relata que “[...] a mão de obra africana foi utilizada nas minas de ouro, na criação de gado, na exploração do mate e da madeira, nas lavouras e em todo tipo de serviço [...]”. Dessa forma, contribuiu para o desenvolvimento da economia paranaense, a qual ocorreu por meio de ciclos: ouro, tropeirismo, erva-mate, madeira, café.

O ciclo do ouro teve início em Paranaguá na metade do século XVII. O tipo de ouro explorado nesse local era chamado ouro de aluvião². Devido a sua grande procura e as dificuldades para adentrar ao litoral paranaense os mineradores passaram a construir suas moradias nos locais onde conseguiam chegar (SCHMIDT; FILIZOLA, 1988, p. 23). Assim, a atividade aurífera “[...] ocasionou o povoamento do litoral, a fundação de Paranaguá, a colonização do Primeiro Planalto, a fundação de Curitiba e a abertura de novos caminhos” (BETTES JUNIOR; ORDOÑEZ; SALES, 1996). Segundo estes autores, os mineradores para chegarem ao Primeiro Planalto abriram caminhos como o da Graciosa, do Itupava e do Arraial. Neste local, a mineração atingiu o seu apogeu, sendo o ouro explorado nas regiões de Curitiba, Assungui, Tibagi, entre outras.

Wachowicz (1995) relata que a vida dos mineradores foi bem difícil; a alimentação era deficiente, pois as mercadorias vinham de longe e geravam um alto custo de vida. O fato de poucos trabalhadores dedicarem-se à agricultura e à pecuária foi outro fator que contribuiu para essa situação. Em relação às moradias, Schmidt e Filizola (1988, p. 25) explicitam que:

As casas eram cabanas de pau-a-pique, prendido com barro. O telhado era coberto por capim ou folhas de butiá, uma espécie de palmeira. O

¹ O Primeiro Planalto abrange a Serra do Mar, Curitiba e as cidades que compõem sua região metropolitana (BETTES JUNIOR; ORDOÑEZ; SALES, 1996).

² Conforme Schmidt e Filizola (1988), o ouro de aluvião é encontrado nos rios e para explorá-lo é necessário a utilização da bateia.

chão era de barro batido. A mobília, muito simples: mesa com bancos, cama e arcas que serviam para sentar e guardar cereais ou roupas.

Contudo, com a descoberta do ouro em Minas Gerais, houve o êxodo destes mineradores para esta região em busca de melhores condições de vida, e, nesse contexto, Curitiba passou à condição de Vila no ano de 1668.

O tropeirismo foi outra atividade econômica responsável pelo povoamento do Paraná, mais especificamente, o Segundo Planalto, região dos Campos Gerais, área que favorecia a criação do gado. Conforme Rollemberg (2010), o transporte do ouro e de mercadorias que abasteciam as minas era realizado por animais de carga, e estes eram conduzidos por tropeiros. Esses homens também transportavam o gado dessa região até a província de São Paulo e Minas Gerais, locais onde os animais eram vendidos. Em muitos lugares que paravam, os tropeiros deram origem a alguns povoados e vilas que, posteriormente, se transformaram em cidades da região dos Campos Gerais. Shimidt e Filizola (1988) complementam que esses povoados e vilas, atualmente, são as cidades de Lapa, Jaguariaiva, Ponta Grossa, Castro, Palmeira, Guarapuava e Palmas.

Segundo Wachowicz (1988), o tropeiro foi o personagem típico da sociedade paranaense no passado, que realizou o trabalho do correio por vontade própria, pois tal serviço era praticamente inexistente no interior. Além disso, era ele que trazia as notícias dos últimos acontecimentos, bem como, entregava bilhetes e recados pelas vilas onde passava.

Com o desenvolvimento das ferrovias, o tropeirismo foi perdendo a sua força, e a atividade econômica que destacou-se durante o século XIX foi a produção da erva-mate. Este produto, antigamente conhecido por congonha, é extraído de uma planta nativa encontrada nas matas da região. A erva-mate foi descoberta pelos índios paranaenses os quais utilizavam-na como bebida. De acordo com Boguszewski (2007, p.22), “[...] Apesar de algumas tentativas de introduzir no mercado diferentes produtos derivados da erva-mate, foi como chimarrão que o consumo da erva se popularizou, e só mais tarde é que o chá-mate assumiu importância comercial [...]”.

Podemos observar, por meio das palavras de Wachowicz (1995, p. 128), a importância dessa erva para o desenvolvimento da economia do Paraná e para o surgimento da classe média paranaense:

Em 1853, possuía o Paraná 90 engenhos de beneficiamento do mate, tendo o produto paranaense alcançado grande consumo nos mercados de Buenos Aires, Montevideú, Valparaiso no Chile e Rio de Janeiro. Sua importância econômica, na condição de principal produto paranaense, ultrapassou o período provincial e, até a década de 1920, foi o esteio da economia do Paraná, apesar da forte concorrência oferecida pelo Paraguai. A exploração do mate fez surgir no Paraná um certo bem-estar e confiança no futuro, chegando a formar no interior uma classe média, composta de produtores, os quais, devido à posição conquistada na sociedade, vão exercer forte influência na política local.

Várias foram as modificações ocorridas no Estado em função da produção da erva-mate, entre elas, o desenvolvimento dos meios de transporte. Inicialmente, este produto era conduzido para o litoral através de tropas de mulas. Em 1873, com a construção da Estrada da Graciosa, este passou a ser transportado em carroções. Devido à necessidade de sua exportação, foi construída, entre 1880 e 1885, a Ferrovia Curitiba-Paranaguá (SCHMIDT; FILIZOLA, 1998).

A produção e a exportação da erva-mate contribuíram para a emancipação política do Paraná em relação à Província de São Paulo. Este acontecimento ocorreu por meio da Lei 704, de 29 de agosto de 1853: “A Comarca de Curitiba na Província de São Paulo fica elevada a categoria de Província com a denominação de Província do Paraná. A sua extensão e limites serão os mesmos da referida comarca” (*apud* LAZIER, 2003, p. 85). Em 19 de dezembro de 1853, essa província foi instalada em Curitiba, e Zacharias Góes de Vasconcelos foi seu primeiro presidente.

No início do século XX, a exportação da erva-mate decaiu devido ao desenvolvimento de sua produção na Argentina, principal comprador da época, resultando na diminuição de sua produção. Nesse contexto, iniciou-se uma maior exploração da madeira, atividade que também contribuiu para o desenvolvimento do Paraná.

A construção da estrada da Graciosa e da Ferrovia Curitiba-Paranaguá propiciou o transporte da madeira, bem como a intensificação de sua exploração. Nesse cenário, foram criadas várias serrarias que comercializavam a madeira de pinho com o Rio de Janeiro e São Paulo, e, exportavam o produto para Montevideú e Buenos Aires. Shimidt

e Filizola (1988) expressam que essa atividade econômica atraiu o interesse de empresas estrangeiras, as quais investiam na construção de ferrovias, e em troca recebiam do governo terras para explorar a madeira. Os autores complementam:

A exploração da madeira não era praticada somente pelos estrangeiros. Havia vários empresários paranaenses que possuíam serrarias a vapor. Estas serrarias produziam barricas e peças para o transporte da erva-mate, tábuas de pinho e embuia, cabos de vassouras, madeira de pinho para fósforos e palhões para garrafas (SCHMIDT; FILIZOLA, 1998, p. 45).

Nesse contexto, a Primeira Guerra Mundial contribuiu para alargar a exportação da madeira de pinho,

[...] pois com a impossibilidade de importação do similar estrangeiro, o pinho-do-paraná passou a abastecer o mercado interno e o argentino. Multiplicaram-se as serrarias, concentrando-se no centro-sul e deslocando-se para o oeste e sudoeste do Estado, na medida em que se esgotavam as reservas de pinheiros, mais próximas das ferrovias, transformando-se assim, a exportação de pinho, na nova atividade econômica paranaense, ultrapassando a importância da erva-mate como fonte de arrecadação de divisas para o Estado. O desenvolvimento do transporte feito por caminhão após a década de 30, libertou a indústria madeireira da dependência exclusiva da estrada de ferro, penetrando desta forma, cada vez mais para o interior. Em um determinado espaço de tempo, durante a Segunda Guerra Mundial, a madeira de pinho liderou a pauta das exportações do Paraná (PARANÁ, 2012a, p.1).

No entanto, a exploração desordenada dessa madeira teve como consequência a quase total extinção de sua espécie. Contudo, o ciclo da madeira e da erva-mate propiciou o crescimento populacional do Estado devido à entrada de imigrantes para trabalhar nessas atividades. Esta situação foi resultado da política imigracionista instituída pela Província do Paraná para preencher os vazios demográficos e para substituir a mão de obra escrava – cujo tráfico foi proibido desde o ano de 1850 – pela mão de obra européia. De acordo com Rollemberg (2010, p. 78), “[...] até o fim do século XIX, aproximadamente 100 mil imigrantes já haviam chegado ao Paraná, entre os quais cerca de 47 mil poloneses, 19 mil ucranianos, 13 mil alemães, 8 mil italianos e 13 mil de outras origens [...]”.

Os dados presentes no quadro I, comprovam o crescimento da população paranaense, entre os anos de 1800 e 1900 devido à imigração:

Quadro I

PARANÁ - POPULAÇÃO TOTAL 1800-1900	
ANO	POPULAÇÃO TOTAL
1800	21.843
1836	42.890
1854	62.258
1872	126.722
1900	327.136

Fonte: Schmidt e Filizola (1988)

É possível constatar o aumento considerável do número de imigrantes a partir do ano de 1854, momento em que o tráfico de escravos estava proibido, e, período em que o governo incentivou a colonização de regiões menos habitadas.

Os imigrantes, ao adentrarem ao Paraná, se instalavam em colônias. Estes pagavam a dívida de seu lote por meio de prestações. Segundo Bettles Junior, Ordoñez e Sales (1996), os italianos fixaram-se, principalmente, em Curitiba, Morretes, São José dos Pinhais, Campo Largo e Alexandra; os poloneses em Guarapuava, União da Vitória, Rio Negro, Curitiba, Campo Largo, São Mateus do Sul, Irati e Araucária; os holandeses se estabeleceram em Castro, Carambeí e Arapoti; os ucranianos colonizaram as regiões de Prudentópolis, Guarapuava, União da Vitória e Lapa; os japoneses se dirigiram para Assaí, Cambará, Uraí, Tomazina, Londrina, Bandeirantes, Castro e Araçongas.

Trindade e Andrezza (2001) esclarecem que a maioria da população paranaense se concentrava na área rural, mas que os imigrantes, no decorrer do século XIX e início do XX, proporcionaram às cidades o desenvolvimento do comércio, da atividade artesanal e das pequenas e médias indústrias, além de imprimirem o seu estilo nas fachadas arquitetônicas e no ambiente urbano.

Rollemborg (2010, p. 80), conclui que:

[...] apesar das dificuldades, a política de incentivo à imigração contribuiu para a modernização do Paraná e para a formação de uma classe média tanto rural quanto urbana. Com a vinda dos primeiros imigrantes, expandiu-se o cultivo do café e de cereais e estabeleceram-se ofícios, como os de carpinteiro, alfaiate, ferreiro e marceneiro. Os imigrantes introduziram o uso de ferramentas, como o ancinho, o rastelo e o arado, além de produtos agrícolas, como o centeio e a batata-inglesa, que foram incorporados à alimentação dos paranaenses.

Neste contexto, outra atividade econômica de grande importância para o Paraná, no final do século XIX até meados do século XX, foi o cultivo do café. Este produto, encontrado desde 1801 na lista dos produtos exportados pelo estado, era produzido no litoral paranaense em pequena proporção. Propiciou a ocupação do Norte do Paraná, por meio da expansão da cafeicultura paulista e pela colonização dirigida, esta especialmente a partir da década de 1920. Luz (1997, p. 18) expressa que:

A nova cultura, beneficiando-se da fertilidade das terras recém-desbravadas, atraía outros lavradores. Sua expansão se fez, na primeira fase, pela iniciativa particular de fazendeiros vindos principalmente das zonas cafeeiras em decadência de São Paulo e Minas Gerais, que viam nas terras paranaenses a possibilidade de ampliar suas lavouras [...].

Os fazendeiros iniciaram sua penetração pelo curso superior e médio do rio Itararé, onde estabeleceram os núcleos de Colônia Mineira, Tomazina, Santo Antônio da Platina, Venceslau Braz e São José da Boa Vista, locais onde formaram as fazendas pioneiras do Norte Velho (BALHANA; MACHADO; WESTPHALEN, 1969).

A ocupação dirigida processou-se por meio de companhias colonizadoras. Merece destaque o empreendimento realizado pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná³, responsável pelo surgimento de várias cidades, entre elas, Londrina, Apucarana, Mandaguari e Maringá, da região denominada Norte Novo. Conforme Luz (1997, p. 22), a atuação desta companhia “[...] foi minuciosamente planejada e baseada

³ Foi fundada em 1925 por Lord Lovat, diretor da companhia inglesa *Sudan Cotton Plantations Syndicate*, o qual decidiu, juntamente com seus acionistas, investir no desenvolvimento agrícola da região. Inicialmente foi denominada Companhia de Terras Norte do Paraná. Após a aquisição dessa empresa por investidores brasileiros passou a ser chamada Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

no loteamento e vendas de terras, na construção de estradas e na implantação de núcleos próximos uns dos outros”. A autora complementa:

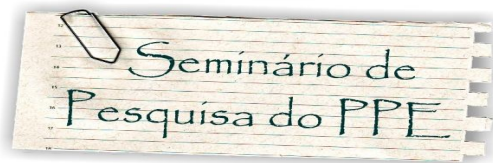
[...] Embora se tenha baseado na fertilidade da terra roxa e na procura para a formação de cafezais, a colonização promovida pela Companhia de Terras Norte do Paraná não levou à formação de grandes fazendas monocultoras – como no “Norte Velho”, a leste do rio Tibagi, ou no oeste de São Paulo – mas ao estabelecimento de um regime de pequenas propriedades, que propiciou desde logo uma vida regional intensa. De um lado esse regime favoreceu a existência de uma população rural bastante numerosa; de outro, as atividades de beneficiamento dos produtos agrícolas, como também as complementares ligadas ao comércio e à prestação de serviços, se concentraram nas cidades, estabelecidas ao longo da estrada de ferro e da rodovia construída sobre o principal espigão que corta a região (LUZ, 1997, p. 23).

Pacífico (2007) assevera que o café tornou-se o elemento principal para a ocupação do Norte Novo, pois quase todas as propriedades rurais o cultivavam, alternando o seu plantio com outros produtos. Assim, o cultivo do café foi considerado referência ímpar do sistema agrário dessa região no século XX, com seu pico entre as décadas de 1950 e 1960.

A produção do café também expandiu-se do Rio Ivaí ao Piquirí, no chamado Norte Novíssimo, e deste até o Rio Iguaçu, no Extremo Oeste Paranaense, durante as décadas de 1940 a 1960. A partir desta última a cafeicultura paranaense entrou em decadência (CANCIAN, 1981). Dentre os fatores que contribuíram para a decadência dessa produção estão: as geadas de 1963, 1964 e 1966; a política de erradicação de cafeeiros – a fim de diminuir a produção nacional –; e a produção da soja.

Considerações finais

Os ciclos do ouro, do tropeirismo, da erva-mate, da madeira e do café, foram elementos de grande importância para a ocupação e o desenvolvimento do Paraná. Por meio destes, as regiões pouco habitadas foram sendo povoadas, sobretudo, por imigrantes europeus que se deslocaram para o Estado do Paraná, incentivados pela



política imigratória, em busca de prosperidade, já que nesse período, a Europa passava por um momento de guerras e de crise em sua economia.

A vinda de um grande número de imigrantes, com suas culturas e costumes para essa região, conferiu novas aparências às cidades do Paraná, identificadas nas paisagens urbanas, entre elas, igrejas, casas e escolas. Desse modo, podemos concluir com Lazier (2003), que o Paraná foi considerado “a terra de todas as gentes”, pois se tornou uma região composta por várias culturas e raças, talvez a única do mundo formada por essa grande diversidade.

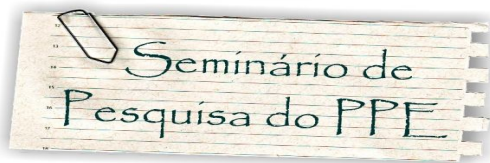
Além da política imigratória, foi de fundamental importância para o povoamento do estado, a colonização dirigida. Dentre elas, destacamos a atuação da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, responsável, sobretudo, pela ocupação do Norte Novo, local onde está situado o município de Maringá. Este, a partir da década de 1940, recebeu um grande número de colonos interessadas no cultivo do café, principal produto agrícola da época, devido à predileção desta cultura pelo solo de terra roxa e, pela expectativa de prosperarem economicamente.

Por sua vez, o aumento populacional da cidade de Maringá, exigiu a construção de escolas para atender os filhos das famílias que nela foram se estabelecendo. Nesse contexto, foi criado, no ano de 1953, o Ginásio Municipal de Maringá, primeira instituição pública do município a oferecer o primeiro ciclo do ensino ginasial. Esta, após sua estadualização, foi nomeada Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal, objeto de nossa pesquisa.

Por fim, afirmamos que entender o desenvolvimento da economia paranaense tornou-se imprescindível para a compreensão da colonização da região onde localiza-se o município de Maringá, bem como o desenvolvimento dessa cidade e, conseqüentemente, a implantação de várias instituições de ensino, entre elas o Colégio Dr. Gastão Vidigal, cuja história está em processo de investigação.

REFERÊNCIAS

BALHANA, Altiva Pilatti; MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília Maria. **História do Paraná**. 2ª Ed. Curitiba: Grafipar, 1969.



BETTES JUNIOR, Hamilton; ORDOÑEZ, Marlene; SALES, Geraldo. **Paraná: estudos sociais**. São Paulo: Scipione, 1996.

BOGUSZEWSKI, José Humberto. **Uma história cultural da erva-mate: o alimento e suas representações**. 2007. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2011/historia/4boguszewski_dissertacao.pdf>

CANCIAN, Nadir Aparecida. **Cafecultura paranaense-1900/1970**. Curitiba: Grafipar, 1981.

LAZIER, Hermógenes. **Paraná: terra de todas as gentes e de muitas histórias**. 1ª Ed. Francisco Beltrão: Grafit, 2003.

LUZ, France. **O Fenômeno Urbano Numa Zona Pioneira**: Maringá. Maringá: A Prefeitura, 1997.

PACÍFICO, Daniela Aparecida. **Mesorregião Norte Central do Paraná: história da evolução e da diferenciação dos sistemas agrários**. 2007. Disponível em: <http://www.cnpat.embrapa.br/sbsp/anais/Trab_Format_PDF/37.pdf>

PARANÁ. Governo do Estado. **Ciclo do Pinho**. 2012a. Disponível em: <<http://www.cidadao.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=89>>

PARANÁ. Secretaria de Cultura. **História do Paraná**. 2012b. Disponível em: <<http://www.cultura.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1>>

ROLLEMBERG, Graziella. **História do Paraná**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2010.

SCHMIDT, Maria A. M; FILIZOLA, Roberto. **Construção: novos estudos sociais**. São Paulo: Editora do Brasil, 1988.

TRINDADE, Etelvina M. C; ANDREAZZA, Maria Luiza. **Cultura e Educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 7ª ed. Curitiba: Gráfica Venturini, 1995.